

**COMO LER
O EVANGELHO
E NÃO PERDER A FÉ**

Coleção **BÍBLIA HOJE**

- *A loucura de Deus: o Cristo de João*, Alberto Maggi
- *Jesus, hebreu por parte de mãe: o Cristo de Mateus*, Alberto Maggi
- *Como ler o Evangelho e não perder a fé*, Alberto Maggi

Alberto Maggi

**COMO LER
O EVANGELHO
E NÃO PERDER A FÉ**

Tradução:
Pe. José Bortolini



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

© CITTADELLA EDITRICE – Assisi (Itália)

Título original: *Come leggere il vangelo (e non perdere la fede)*

Direção editorial: Frei Darlei Zanon

Assessoria bíblica: Paulo Bazaglia

Gerente de design: Danilo Alves Lima

Coordenação de revisão: Tiago José Risi Leme

Preparação do original: Tatianna Francisquetti

Imagem de capa: *iStock*

Capa e diagramação: Gustavo Gomes

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maggi, Alberto

Como ler o Evangelho e não perder a fé / Alberto Maggi ;

tradução de José Bortolini. - São Paulo : Paulus, 2023.

(Coleção Bíblia Hoje)

Bibliografia

ISBN 978-65-5562-927-9

Título: *Come leggere il vangelo (e non perdere la fede)*

1. Bíblia – Estudo e ensino 2. Evangelho I. Título

II. Bortolini, José III. Série

23-3308

CDD 220.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia – Estudo e ensino



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos

e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-927-9

SUMÁRIO

<i>Abreviaturas e siglas</i>	9
Introdução	13
Deus? Um chifre de salvação.....	19
O queridinho de Jesus (Jo 13,23).....	27
O avô de Jesus (Mt 2,1-12; Lc 2,1-20).....	35
Divina carnificina (Mt 8,1-4)	43
Quantas vezes, filhinha? (Jo 4,1-42).....	51
Jesus e o monsenhor (Mc 12,28-34).....	59
A ultrapassagem da prostituta (Lc 7,36-50).....	67
“Peccate, fratres” (Mt 9,1-8)	75
O Deus que marginaliza (Mc 5,25-34)	83
Milagres? Não, obrigado (Jo 4,46-54).....	91
Anões e bailarinas (Mt 14,1-12; Mc 6,17-29).....	99
Ricos e vendidos (Mc 10,17-22)	107
As cuecas dos padres (Jo 8,1-11).....	115
O santo blasfemador (Jo 5,1-18).....	123
Explodindo de raiva (Um diabo para cada fio de cabelo – Lc 4,31-37).....	131
Excomungado, por graça de Deus (Jo 9)	139
O Deus vampiro (Mc 11,12-25; 12,38-13,2)	147
Coração de mãe (Mt 20,17-34).....	155

A mulher do Evangelho (Mc 14,3-9)	163
Sinédrio e corrupção (Mt 28).....	171
<i>Apêndice – O santo, o papa e o Evangelho</i>	<i>179</i>
<i>Glossário mínimo</i>	<i>183</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>185</i>
<i>Lista dos principais trechos evangélicos comentados</i>	<i>189</i>

Agradecimento

Meu profundo agradecimento às professoras Annalù Martignago e Serenella Zanardi, e ao frei Ricardo Pérez, do Centro Studi Biblici, que generosamente colaboraram na redação final do texto e na revisão da tradução dos textos originais da Bíblia.

ABREVIATURAS E SIGLAS

1. *Abreviaturas bíblicas**

Ab	Abdias	Eclo	Eclesiástico (Sirácida)
Ag	Ageu	Ef	Carta aos Efésios
Am	Amós	Esd	Esdras
Ap	Apocalipse	Est	Ester
At	Atos dos Apóstolos	Ex	Êxodo
		Ez	Ezequiel
Br	Baruc		
		Fl	Carta aos Filipenses
Cl	Carta aos Colossenses	Fm	Carta a Filêmon
1/2Cor	Cartas aos Coríntios		
1/2Cr	Crônicas	Gl	Carta aos Gálatas
Ct	Cântico dos Cânticos	Gn	Gênesis
Dn	Daniel	Hab	Habacuc
Dt	Deuteronômio	Hb	Hebreus
Ecl	Eclesiastes (Coélet)	Is	Isaías

*Para as citações bíblicas, utiliza-se normalmente o texto da *Bíblia de Jerusalém* (2012). Quando a tradução diverge, é fruto do autor.

Jd	Carta de Judas	Nm	Números
Jl	Joel	Os	Oseias
Jn	Jonas		
Jó	Jó	1/2Pd	Cartas de Pedro
Jo	João	Pr	Provérbios
1/2/3Jo	Cartas de João		
Jr	Jeremias	Rm	Carta aos Romanos
Js	Josué	1/2Rs	Livros dos Reis
Jt	Judite	Rt	Rute
Jz	Juízes		
		Sb	Sabedoria
Lc	Lucas	Sf	Sofonias
Lm	Lamentações	Sl	Salmos
Lv	Levítico	1/2Sm	Livros de Samuel
Mc	Marcos		
1/2Mc	Macabeus	Tb	Tobias
Ml	Malaquias	Tg	Carta de Tiago
Mq	Miqueias	1/2Tm	Cartas a Timóteo
Mt	Mateus	1/2Ts	Cartas aos Tessalonicenses
Na	Naum	Tt	Carta a Tito
Ne	Neemias	Zc	Zacarias

2. *Abreviaturas várias*

Ant.	Flávio Josefo, <i>Antiquitates iudaicae</i> (<i>Antiguidades judaicas</i>)
Bell.	Flávio Josefo, <i>De bello iudaico</i> (<i>Guerra judaica</i>)
Did.	Didaqué
Sal. Salom.	Salmos de Salomão

3. *Tratados do Talmude*

Os tratados foram citados com as seguintes siglas:

M = Mixná

Y = Talmude de Jerusalém

B = Talmude de Babilônia

Ab. Z.	Aboda zara (<i>Idolatria</i>)
BB.	Baba batra (<i>Danos</i>)
Ber.	Berakot (<i>Bênçãos</i>)
Cha.	Chagiga (<i>Festas</i>)
Er.	Erubim (<i>Misturas sab.</i>)
Git.	Gittin (<i>Divórcio</i>)
Pea.	Pea (<i>Confins</i>)
Qid.	Qiddushim (<i>Matrimônio</i>)
Sanh.	Sanhedrin (<i>Tribunais</i>)
Shab.	Shabbat (<i>Sábado</i>)
Sheb.	Shebuot (<i>Juramentos</i>)
Sot.	Sota (<i>Adulterio</i>)

4. Outros escritos rabínicos

Ber. Rab.	Berešit Rabbá
Est. Rab.	Ester Rabbá
Pes. Rab.	Pesiqta Rabbati
P. Ab.	Pirquê Abôth
Sifr. Dt.	Sifré sobre o Deuteronomio
Sifr. Lev.	Sifré sobre o Levítico

INTRODUÇÃO

Os Evangelhos foram escritos para suscitar a fé em Jesus de Nazaré.

O evangelista João afirma explicitamente que todos os episódios por ele narrados “foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,31), e na carta de Paulo aos Romanos encontra-se a preciosa indicação de que “a fé depende da pregação, e a pregação, por sua vez, se realiza pela palavra de Cristo” (Rm 10,17).

Apesar disso, muitos dos que se aproximam dos Evangelhos lamentam que, com frequência, a leitura desses textos não só não suscita a fé, mas arrisca colocá-la em crise; isso não só por causa da evidente dificuldade de viver um ensinamento que exige maturidade e empenho, mas porque as formulações presentes nesses textos são, muitas vezes, um desafio ao bom senso. Daí o refrão “é preciso ter fé” para acreditar naquilo que está escrito nos Evangelhos.

De fato, a afirmação põe o não crente num círculo vicioso: não pode compreender o Evangelho porque não tem aquela fé que lhe pode vir somente do conhecimento do Evangelho...

É preciso reconhecer que o impacto com os Evangelhos não é encorajador: desde as primeiras linhas, tem-se a sensação de estar às voltas com um livro de fábulas ou de narrativas mitológicas.

Como nas fábulas, encontram-se situações inverossímeis, com o esvoaçar de anjos que resolvem todos os problemas e demônios desaforados que os criam.

É legítimo perguntar-se: naquele tempo existiam, verdadeiramente, os anjos?

E hoje?

Por que não aparecem mais?

É fácil explicar que não se “veem” porque os homens não têm fé.

Mas o Evangelho afirma que nem o sacerdote Zacarias teve fé quando um anjo de nome poderoso, Gabriel, apareceu-lhe (Lc 1,20).

A atividade de Jesus não apresenta menos dificuldades de compreensão. Em toda a sua existência, Jesus curou apenas uma dezena de leprosos.

Como não perguntar a si mesmo por que não curou todos?

E, sobretudo, por que hoje não mais os cura?

Ele, que tem o poder de fazer os defuntos voltar à vida, ressuscita, ao todo, apenas três mortos: a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro... E os outros? Na lista de espera pelo dia da ressurreição, no final dos tempos?

Transmitidos para suscitar a fé, os “milagres” levantam enormes questões.

O que pode significar que Jesus tenha conseguido matar a fome de milhares de pessoas com “cinco pães e dois peixes” (Mt 14,17)? Hoje, passam fome muito mais pessoas que no tempo de Jesus... Quando haverá outras multiplicações de pães?

Jesus garantiu que aqueles que acreditam nele realizarão “obras ainda maiores” que as realizadas por ele (Jo 14,12).

Levando em conta que, depois de Jesus, ninguém mais conseguiu multiplicar nem pães nem peixes, quer dizer que, em dois mil anos de cristianismo, não houve ninguém com fé tão grande “quanto uma semente de mostarda” (Lc 17,5)?

Jesus havia garantido a seus discípulos que estariam aptos, como ele, para “curar os enfermos, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar os demônios” (Mt 10,8), mas é fácil constatar que, justamente no mundo assim chamado cristão, os doentes com muito custo são curados, os mortos continuam mortos, a hanseníase muda de nome, mas continua sendo considerada castigo divino, e são os demônios que empurram os homens ao inferno do ódio.

O Sermão da montanha, que no Evangelho é apresentado como o mais importante discurso de Jesus, se abre com a desconcertante proclamação: “Bem-aventurados os pobres em espírito” (Mt 5,3).

Na realidade, nunca uma bem-aventurança foi tão temida e evitada: aqueles que vivem pobres, na primeira oportunidade, abandonam, sem qualquer arrependimento, a pobreza, pouco se importando que Jesus a tenha enobrecido com o grau de bem-aventurança. E aqueles que não são pobres não compreendem por que deveriam sentir-se “bem-aventurados” indo associar-se à nutrida multidão dos miseráveis deste mundo, em vez de empenhar-se para tentar reduzir a miséria e a pobreza.

Quando Jesus fica com raiva

O bom senso se choca continuamente com as absurdidades e incongruências presentes quer na mensagem, quer nos episódios propostos pelos Evangelhos.

Se pode ser compreensível que “a quem tem será dado”, como não levantar uma questão sindical à injusta expressão “e a quem não tem, será tirado também aquilo que tem” (Mc 4,25)?

Como fará o cego de Betsaida, que Jesus, para curar, “conduziu para fora do povoado”, para voltar a sua casa, “sem entrar na aldeia” (Mc 8,26)?

Mas há um episódio que, mais do que os outros, consegue submeter a uma dura prova a fé do crente: a maldição da figueira (Mc 11,12-14). Buscado e não encontrado um fruto numa figueira, Jesus amaldiçoa a árvore, que “seca até às raízes”.

É verdade que, naquele dia, Jesus não devia estar de bom humor, e, depois de haver amaldiçoado a figueira, corre ao templo, armado de chicote, para derrubar bancos e pessoas, mas não se consegue em tempo superar o desconcerto provocado pela atitude irada de Jesus em relação a uma inocente árvore, a respeito da qual o evangelista acrescenta, deliberadamente: “Com efeito, aquela não era a estação de figos” (Mc 11,13).

O trecho não pode não provocar desorientação: ou foi insensato Jesus, ou errou o evangelista sublinhando a impossibilidade de encontrar frutos na árvore naquela estação.

Os numerosos obstáculos que a leitura dos Evangelhos apresenta levanta a questão: é possível uma aproximação na qual, além das luzes do Espírito Santo, indispensáveis, se possa recorrer também àquelas, igualmente necessárias, do bom senso?

Podemos aproximar-nos dos Evangelhos mediante uma leitura que suscite a fé, e não que a exija para que sejam aceitos cegamente episódios e mensagens aparentemente contrários à razão e ao bom senso? São somente algumas entre as numerosas perguntas e problemáticas que uma leitura não acrítica nem fanática dos Evangelhos comporta. Problemas que, em parte, dependem do fato de que o leitor se encontra diante da tradução de um texto transmitido há dois mil anos, numa língua praticamente morta, e com imagens brotadas de uma cultura oriental muito diferente da ocidental.

Neste livro,¹ se procurará responder às perguntas com uma série de reflexões voltadas aos “não crentes” que estejam fazendo uma primeira aproximação dos Evangelhos, e aos “crentes” que desejam descobrir as riquezas ocultas em textos tão importantes para a vida do cristão.

¹ O livro reúne os artigos (revisados e reordenados) publicados na revista *Rocca*, na seção *Come leggere il Vangelo senza perdere la fede*.